

**QUEM DECIDIU COMO SERIA? A PARTICIPAÇÃO DO PROFESSOR NA
TRANSIÇÃO DO ENSINO PRESENCIAL PARA O ENSINO REMOTO NAS
ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

WHO DECIDED HOW IT WOULD BE? THE TEACHER PARTICIPATION IN THE
TRANSITION FROM PRESENTIAL TEACHING TO REMOTE TEACHING IN BASIC
EDUCATION SCHOOLS IN THE STATE OF SÃO PAULO

¿QUIÉN DECIDIÓ CÓMO SERÍA? LA PARTICIPACIÓN DEL DOCENTE EN LA
TRANSICIÓN DE LA ENSEÑANZA PRESENCIAL A LA ENSEÑANZA A DISTANCIA
EN LAS ESCUELAS DE EDUCACIÓN BÁSICA DEL ESTADO DE SÃO PAULO

Carla Wanessa do Amaral Caffagni¹ 0000-0003-3012-2351

¹ Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil; carlawanessa@usp.br

RESUMO:

Este artigo traz dados sobre pesquisa realizada no início do período de distanciamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19, sobre a participação docente nas tomadas de decisões na adaptação e continuidade de atividades escolares na transição do ensino presencial para o ensino remoto. A pesquisa foi realizada por meio de distribuição de questionários em grupos virtuais de professores em redes sociais e respondidos de forma voluntária pelos docentes. Foram selecionados os dados coletados de 52 professores atuantes nas redes públicas e privadas do estado de São Paulo. Os resultados mostram que houve pouca participação dos professores neste processo, e que o trabalho se deu de forma precarizada e sem sua devida valorização.

Palavras-chave: ensino remoto; trabalho docente; pandemia.

ABSTRACT:

This article brings data on research carried out at the beginning of the period of social distancing caused by the COVID-19 pandemic, on teacher participation in decision-making in the adaptation and continuity of school activities in the transition from presential teaching to online teaching. The research was carried out through the distribution of questionnaires in virtual groups of teachers on social networks and answered voluntarily by the teachers. Data collected from 52 teachers working in public and private networks in the state of São Paulo were selected. The results show that there was little participation of the teachers in this process, and that the work was precarious and without its due appreciation.

Keywords: online teaching; teaching work; pandemic.

RESUMEN:

Este artículo trae datos de investigaciones realizadas al inicio del período de distanciamiento social provocado por la pandemia del COVID-19, sobre la participación docente en la toma de decisiones en la adecuación y continuidad de las actividades escolares en el tránsito de la enseñanza presencial a la enseñanza a distancia. La investigación se realizó a través de la distribución de cuestionarios en grupos virtuales de docentes en redes sociales y respondidos voluntariamente por los docentes. Se seleccionaron datos recolectados de 52 docentes que trabajan en redes públicas y privadas en el estado de São Paulo. Los resultados muestran que hubo poca participación de los docentes en este proceso, y que el trabajo fue precario y sin su debida valorización

Palabras clave: enseñanza a distancia; trabajo del professor; pandemia.

Introdução

A ideia deste texto é trazer algumas reflexões a respeito do ensino durante o ano de 2020, onde o cenário pandêmico ditou mudanças bruscas nos métodos de ensino habitualmente presentes nas escolas e até mesmo, nas relações entre professor, aluno e conhecimento escolar. Na ocasião, havia retornado à sala de aula da rede estadual de ensino de São Paulo e pude vivenciar parte das questões que foram vividas por grande parte dos professores da educação básica de todos os sistemas de ensino do país.

Novos termos foram sendo incorporados ao cotidiano escolar e novas formas de ensinar foram criadas, reinventadas e adaptadas para continuidade do processo educativo interrompido diante da quarentena social a que fomos submetidos na tentativa de controle da disseminação do coronavírus. A escola, até o momento, lugar de estar, de educar pela convivência e da construção social do conhecimento foi fechada e de dentro de suas casas, professores e alunos foram obrigados a repensar seus papéis e suas formas de atuar dentro de relações previamente estabelecidas. Muitas foram (e são) as dúvidas que surgiram, inclusive sobre a função da escola. À que estaria? Haveria algo que pudesse ser feito e que suprisse as demandas educacionais de responsabilidade da escola?

Como professora afetada pela crise gerada na educação em função do contexto pandêmico, sei que questões de formação, preparo profissional, apoio da gestão e mesmo concepções sobre educação foram consideradas neste processo e o que me proponho a analisar é como tais aspectos foram experienciados pelos docentes em exercício no início do isolamento social.

Pandemia e educação no ano de 2020

Em janeiro de 2020, notícias sobre uma nova pandemia começaram a circular na mídia nacional, no entanto, sem alardes ou sem preocupações sociais que pudessem levar a busca de um preparo para o enfrentamento de uma crise sanitária no país. A pandemia, surgida na China, teve os primeiros casos diagnosticados em dezembro de 2019, sendo identificado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) da China como um surto com origem entre trabalhadores de um mercado de alimentos da província de Hubei, que posteriormente atingiu mais de 100 países nos cinco continentes.

Posteriormente, identificou-se como causador da doença um novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2. O vírus pertence à família Coronaviridae e provoca uma doença respiratória, chamada de Covid-19 (...) A Organização Mundial da Saúde

(OMS) declarou a Covid-19 uma pandemia em 11 de março de 2020 (FIOCRUZ, 2020, p.04)

Segundo Freitas, Napimoga e Donalisio (2020, p.03), nesse momento, ainda não se tinha clareza dos sintomas ou da dimensão da gravidade da doença, porém, estudos comparativos entre a epidemia da Covid-19 e outras epidemias severas da história afirmavam que “Covid-19 se apresenta como uma doença de grande transmissibilidade e gravidade clínica, conforme revelado pela letalidade observada em outros países”.

A declaração da OMS, no Brasil, resultou numa disseminação de notícias sobre a situação e um anúncio de uma possível necessidade de quarentena, para contenção e controle da disseminação do vírus Covid-19. Em princípio, a proposta de isolamento e quarentena apenas para casos de suspeita de infecção. No entanto, na semana de 16 a 20 de março de 2020, os primeiros casos de infectados positivos foram detectados no Brasil, levando a construção de uma quarentena para toda a população, tal como orientado pelo Ministério da Saúde

[...] a medida de quarentena tem como objetivo garantir a manutenção dos serviços de saúde em local certo e determinado. O procedimento de quarentena será determinado mediante ato administrativo formal estabelecido pelas secretarias de saúde dos estados, municípios, do Distrito Federal ou ministro de estado da saúde, ou superiores em cada nível de gestão e publicado em diário oficial e amplamente divulgado pelos meios de comunicação. A medida de quarentena será adotada pelo prazo de até 40 dias, podendo se estender pelo tempo necessário (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020)

O fechamento das escolas foi uma das medidas tomadas para que a quarentena se efetivasse em todo o país. No entanto, as escolas não estavam preparadas para uma ocorrência como essa e este despreparo levou a tomadas de decisões institucionais, quebrando os protocolos e orientações gerais de gestão escolar definidas pelas redes de ensino. Assim, gestores tomaram iniciativas que atendessem melhor sua clientela, como observado tanto nas redes públicas (municipais e estaduais) como na rede privada de ensino.

Uma das medidas adotadas em primeira instância, foi a antecipação de recessos e férias de alunos e professores. Uma outra medida tomada foi o direcionamento dos professores para a elaboração de atividades que pudessem ser feitas pelos alunos em suas casas e com apoio da família. Outras escolas adotaram um tipo de educação à distância, onde os professores foram orientados a alimentar plataformas virtuais de aprendizagem ou ainda, criar meios de comunicação e materiais didáticos para serem usados pelos alunos, de forma que o planejamento didático não fosse prejudicado.

O acompanhamento dessa dinâmica em desenvolvimento no sistema escolar chamou a atenção de forma que algumas questões foram levantadas e pareceram pertinentes de serem respondidas com aprofundamento, dado que se observou uma expectativa social de que a escola

“não parasse”, ao mesmo tempo um despreparo dessa mesma escola para que continuasse atendendo seus alunos em um cenário onde as pessoas se encontravam em suas casas e que não havia uma política instaurada, nem mesmo uma cultura escolar, que demonstrasse possibilidades da educação escolar se desenvolver à distância. Também chamou a atenção que ao se criar uma demanda para a família do educando, houve a consideração de que a mesma possuísse estrutura física e tecnológica, capital cultural e conhecimento pedagógico para atender às necessidades do aluno durante o processo de aprendizagem. Fato que parece desconsiderar as múltiplas realidades sociais, culturais e econômicas que compõem nosso país.

Inúmeros são os textos, artigos científicos, revistas e outras publicações que centraram seus olhares e a atenção para a pesquisa sobre o tema “Educação e Pandemia” no ano de 2020 e 2021 (FERREIRA; FERRAZ; FERRAZ, 2021; CRUZ; COELHO; FERREIRA, 2021; BARRETO; SANTOS; MACHADO, 2021, etc). O interesse em compreender e registrar as mudanças observadas na educação neste período, podem ser justificadas pelo acontecimento histórico da descentralização do espaço físico da escola para o desenvolvimento do cotidiano escolar que no momento, passava a se dar de forma remota e mediada, majoritariamente, pela internet. Textos publicados já no primeiro semestre de 2020, chamavam atenção para as questões tecnológicas e as desigualdades sociais implicadas em tal mudança de perspectiva. Termos como “ensino remoto”, “educação à distância”, “ambiente virtual de aprendizagem”, “ensino híbrido”, “plataformas digitais”, “ensino online” passaram a fazer parte do vocabulário de professores e especialistas que buscavam entender como a escola poderia se “virtualizar” no atendimento à comunidade escolar. Um processo que nos remete à expressão “Tudo que era sólido desmancha no ar” (MARX; ENGELS, 2008, p.15); porque de todas as formas, a escola tão solidamente constituída em suas tradições diluiu-se em processos e relações virtuais, tornando-se em muitas de suas facetas; inadequada e antiquada às necessidades vigentes.

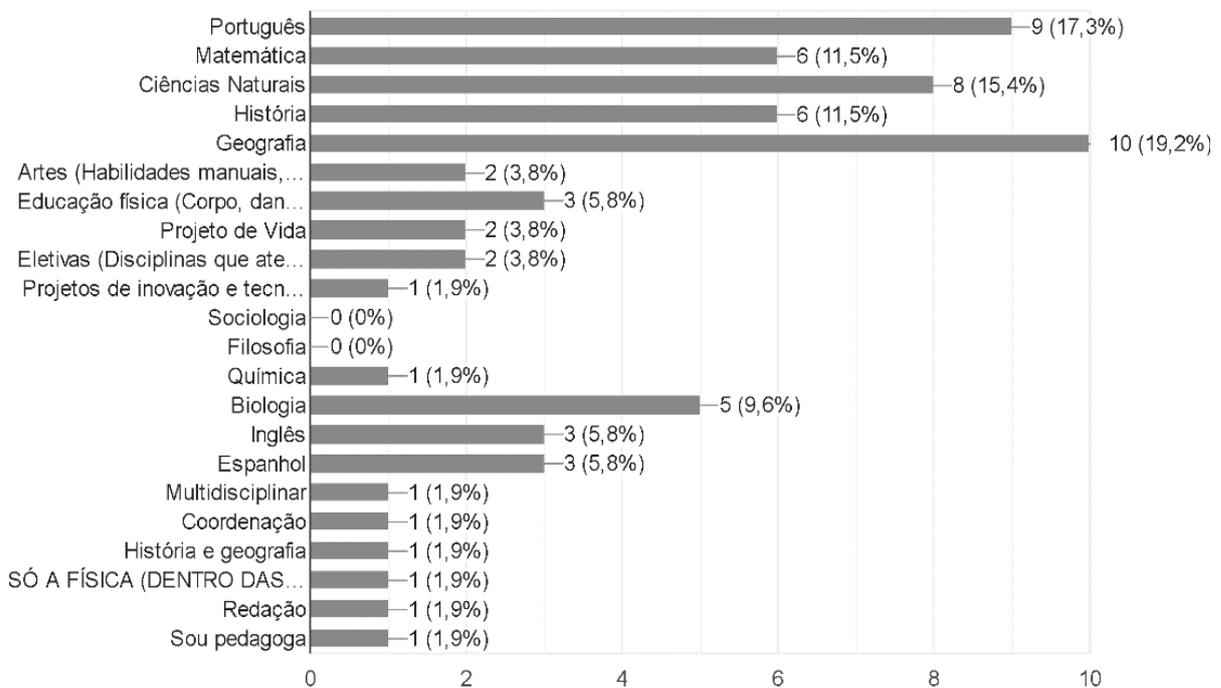
Centremo-nos agora, no professor. Onde estaria este profissional nesse cenário? E para além do profissional, pergunto onde estaria a pessoa responsável por ensinar dentro da escola neste momento da “escola virtual”? No momento em que o trabalho do professor precisou mudar de lugar subjetiva e concretamente o professor foi então colocado em foco por meio de câmeras de olhares infinitos. Olhares e gentes que entraram em suas casas, em seus valores, em suas concepções sobre ensino e aprendizagem, que invadiram suas noites, finais de semana e dias de folga e se tornaram presença integral na vida do professor-pessoa. Uma condição de exposição ao saber profissional docente, que segundo Tardif (2005), poderia se considerar uma exposição da pessoa, da identidade, do sujeito professor.

Na tentativa de compreender como professores de diversos contextos escolares viveram esta experiência, foi divulgado um questionário com questões de cunho qualitativo e quantitativo em grupos de redes sociais e virtuais de professores da rede pública e privada, na expectativa de traçar pontos comuns das vivências destes profissionais durante o isolamento social no início da pandemia no Brasil. O questionário ficou disponível nas redes sociais entre os meses de abril e agosto de 2020 e a participação na pesquisa foi voluntária.

Perfil dos professores participantes da pesquisa e do seu contexto de trabalho

Participaram da pesquisa, 52 professoras e professores de idade entre 29 e 66 anos, atuantes na educação básica das redes pública e privada (em igual proporção) do estado de São Paulo e com tempo de magistério que varia entre zero e 35 anos de experiência. São professores que atuam, em sua maioria, no Ensino Fundamental II, nas áreas de linguagens, ciências humanas, ciências naturais, disciplinas do INOVA (BNCC) e outros campos, tal como mostra o gráfico 1:

Gráfico 1: Área de atuação dos professores entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto a região de trabalho, os participantes pertencem a 14 cidades do estado de São Paulo, sendo: São Paulo, Praia Grande, São Bernardo do Campo, Sorocaba, Jacupiranga, Ribeirão Preto, Ibitinga, Cotia, Guaíra, Barretos, Taboão da Serra, Mairinque, Osasco e Tatuí e o perfil socioeconômico do público atendido nas escolas nas quais lecionam estes profissionais pertencem, em sua maioria, à Classe socioeconômica C, tal como mostra o gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2: Perfil socioeconômico do público atendido pelos professores entrevistados.



Fonte: Dados da pesquisa

Sobre o primeiro impacto da pandemia no trabalho docente

Assim como quase toda a população mundial, professores foram colocados em uma situação inédita de redirecionamento de ações e adaptação do trabalho que, em primeiro momento, caminhou às cegas em busca de rumos que levassem ao acesso dos alunos e suas famílias para continuidade do desenvolvimento das atividades escolares. O primeiro ponto observado por meio dos dados coletados, foi a forma como os docentes foram comunicados sobre a necessidade de mudanças e alterações na rotina pedagógica. Grande parte dos professores participantes da pesquisa foram comunicados de forma presencial, em reunião pedagógica sobre o início da quarentena e do trabalho remoto; no mês de março de 2020 quando a escola ainda não havia encerrado suas atividades presenciais e havia alguma prerrogativa de que as instituições estariam fechadas para atendimento dos alunos por tempo indeterminado. No entanto, dada a situação de incerteza sobre o futuro (in)esperado, nem todas as escolas puderam se organizar e planejar ações com a equipe docente. Assim, outras formas de encaminhamento foram observadas, tais como: mensagens pessoais de WhatsApp (aplicativo

de comunicação online), comunicado por meio de redes sociais, conversas informais com colegas de trabalho e reunião pedagógica online.

Verificou-se que grande parte das escolas entrou, oficialmente, em estado de quarentena entre os dias 12 e 15 de março de 2020. No entanto, algumas escolas demoraram a tomar tal decisão, encerrando as atividades presenciais apenas em abril do mesmo ano.

Os participantes da pesquisa foram questionados sobre as primeiras orientações recebidas para desenvolvimento das atividades pedagógicas de forma remota. Esta questão foi feita por meio de uma questão aberta e nos mostra a diversidade de experiências vividas por estes profissionais quanto ao direcionamento (ou não direcionamento) da gestão escolar para a tomada de decisões e escolha de estratégias pedagógicas ou mesmo, formação dos docentes para atendimento dos alunos.

Dos 52 professores participantes da pesquisa, 34 responderam que a primeira orientação que receberam da escola foi a de elaborar atividades e enviar aos alunos por meio de redes sociais (*Whatsapp, Facebook, Instagram, etc*) e/ou email (institucional ou não) ou ainda, disponibilizar roteiros de estudos em plataformas virtuais de aprendizagem, em pastas virtuais da escola, ebooks, sites, blogs e plataforma *Classroom*. Houve ainda a orientação de elaborar materiais impressos para serem deixados na escola e retirados de forma presencial pelas famílias. Além dessas orientações, seis professores afirmaram que também lhes foi pedido que gravassem videoaulas para disponibilizar aos alunos. Em nenhuma dessas respostas há menção sobre formação ou capacitação para o uso pedagógico de ferramentas digitais, segundo relato dos professores.

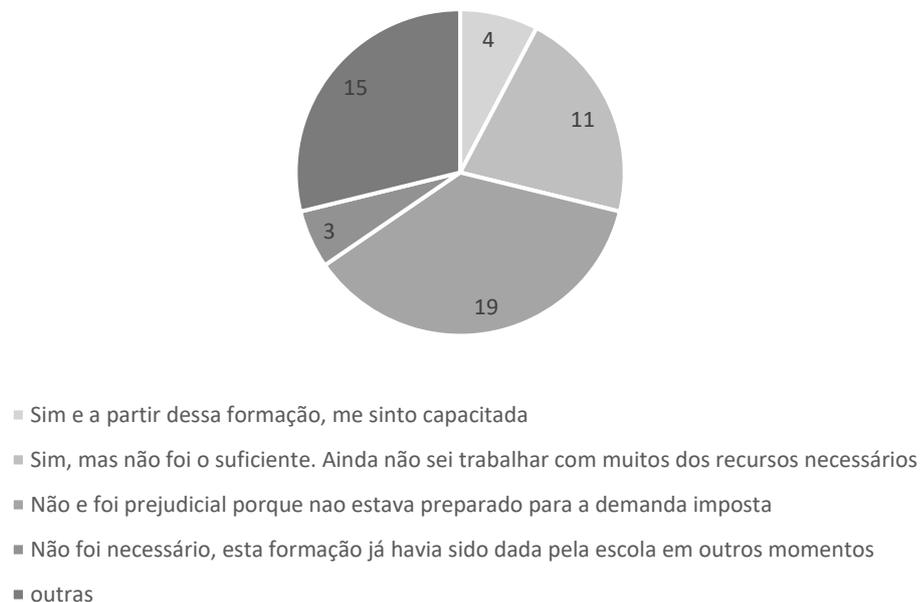
Apenas quatro docentes afirmaram que a primeira ação da equipe gestora escolar foi elaborar e oferecer tempo e encontros de formação para uso de tecnologias digitais e adaptação do trabalho pedagógico, nas afirmações: *“Comece a pesquisar alternativas para dar aulas via internet”, “Orientações técnicas (uso do Classroom, do Google Meet etc.)”, “Houve um espaço coletivo para organizarmos como seria a rotina dos alunos; cada série fez o seu. A escola mostrou duas preocupações centrais: seguirmos com o trabalho de modo que pudéssemos considerar que os dias letivos foram cumpridos mas, por outro lado, pensar como isso seria feito já que seria impossível (e não esperado) seguir simplesmente com os mesmos objetivos, ritmo e etc. A coordenação foi bem clara ao dizer que os planejamentos que havíamos feito até então precisariam ser repensados; os cursos seriam afetados e tudo bem. O desafio era pensar como faríamos ‘uma escola’ totalmente diferente do que sabemos e acreditamos, mas que tivesse sentido para os alunos.”* e *“Se apropriar das ferramentas através*

de tutoriais (já usávamos o temas em algumas atividades) e montar roteiros de trabalho semanais para os alunos.”.

Em contrapartida, 14 professores afirmaram que não houve nenhuma orientação ou direcionamento das escolas, sendo algumas das respostas dadas à esta questão: “Ficar em casa e manter isolamento social”, “Aguardar”, “nada foi orientado”, “estivemos de férias até 28/04”, “atividades ainda serão definidas pela equipe”.

A recondução do trabalho docente do presencial para o remoto exigiu, como visto nas respostas, o uso de ferramentas digitais e ainda contato virtual entre docentes e alunos. Se até o momento a realidade escolar ainda não havia incorporado integralmente estes elementos em sua rotina, era esperado que a transição exigisse formação e/ou adaptação do trabalho pedagógico, assim era relevante saber como havia sido este processo. O gráfico 3 mostra as respostas para a questão “Você recebeu algum tipo de formação específica para elaboração destas atividades?”

Gráfico 3: Proporção de oferta de formação de professores para uso de ferramentas digitais



Fonte: Dados da pesquisa

Entre as respostas contempladas no gráfico 3 como “outras”, estão as respostas elaboradas por professores que não se sentiram contemplados pelas opções disponíveis nesta questão semiaberta do questionário. No entanto, também negam terem passado por processos de formação. E duas professoras afirmaram terem feito outros cursos EAD antes da pandemia e que passar por esta experiência havia ajudado na transição do ensino presencial para o remoto,

tal como se pode ver: *“Tenho experiência como tutora EaD e aluna de cursos nesse formato. Essa experiência está me ajudando muito a propor atividades a distância e para orientar as interações e feedbacks avaliativos aos alunos” e “Curso de Especialização de EAD antes da Pandemia”.*

Quanto à participação do professor no encaminhamento das atividades pedagógicas de ensino remoto

Dada a situação inesperada e emergencial de tomada de decisões frente a necessidade de adaptação ao atendimento dos alunos pelas escolas, houve o interesse sobre a participação dos professores na tomada de decisões quanto ao encaminhamento e propostas de atividades pedagógicas para continuidade do ano letivo. Assim, esta foi uma das questões presentes no questionário aplicado aos participantes da pesquisa. Houve o entendimento de que as respostas acabaram por compor três grupos, na seguinte distribuição:

Grupo 1- Nenhuma participação docente: 26 professores afirmaram que não tiveram nenhuma participação no processo, com algumas respostas que inferiam alguma consulta por parte da equipe gestora, mas que, no entanto, não foram consideradas. Tal como pode ser observado nas seguintes afirmações: *“Opinei, mas minha opinião não foi solicitada previamente”, “Só palpites. A última palavra foi da escola”, “Parcialmente flexível. Existiam recursos mais práticos a serem usados, mas o colégio exigiu o uso de um sistema nada intuitivo e obsoleto”, “a escola determinou e eu pensei que tinha estratégias melhores, mas não nos consultaram”.*

Grupo 2 - Autonomia total nas decisões: 11 professores afirmaram que escolheram sozinhos a forma de encaminhamento e escolha dos métodos pedagógicos para continuidade das atividades escolares.

Grupo 3 - Decisões coletivas da equipe pedagógica: nove professores afirmaram que as decisões foram tomadas em grupo, por meio de reuniões e avaliação do que seria mais adequado à comunidade escolar, tal como mostram algumas das respostas: *“Fomos pegos de surpresa com a situação. Estamos nos adequando dentro do que é possível, conversas em Whatsapp são o principal meio de comunicação”, “Ativo - por meio de reunião pedagógica - decisão coletiva”, “Boa [participação] reuniram, deram as ideias iniciais e nós desenvolvemos”.*

A partir desses resultados é possível notar a desconsideração da palavra do professor no planejamento, tomada de decisão e organização dos processos escolares tal como nos aponta Arroyo (2011), ao afirmar que os saberes da docência, dos sujeitos envolvidos no processo

educativo por meio de sua própria atividade, são ignorados na construção de currículos e conhecimentos escolares e ainda, perda da autonomia pedagógica, tal como aponta Ferreira, Ferraz e Ferraz (2021)

Quanto aos recursos didáticos, pôde-se perceber que houve utilização para comunicação e desenvolvimento de atividades pedagógicas, sendo que, em sua maioria, os recursos foram usados de forma associada e ainda, alguns recursos digitais foram adaptados para uso escolar, o que mostra o interesse do professor em buscar formar de alcançar o aluno e criar situações propícias de ensino-aprendizagem. Entre as atividades, recursos e estratégias mencionadas estão: videoaulas, videoconferências, textos selecionados da internet, textos autorais, questionários virtuais, fóruns virtuais, indicação de sites de jogos educativos, pesquisas, produção de textos, atividades práticas e de experimentação de fácil realização, fichamentos, atividades do tipo “WIKI”, vídeos do “Youtube”, atividades do livro didático, fato que também observado por Ferreira, Ferraz e Ferraz (2021),

Particularmente, o professor, mergulhado na complexidade das ações que o ensino remoto demanda e, diante da ausência de formações mais significativas e de efetivo apoio pedagógico, busca promover situações de ensino-aprendizagem, mesmo em um contexto de intensa precarização do seu trabalho. (FERREIRA; FERRAZ; FERRAZ, 2021, p. 331)

Essa questão remete ainda, à forma de acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem e da relação aluno-professor. Cerca de 30% dos entrevistados, afirmou que a única forma de comunicação com os alunos foi por meio de “*conversas pelo WhatsApp*”, no entanto, outras formas de comunicação também foram citadas, tais como: e-mail, mensagens em plataformas digitais, redes sociais como Facebook e Instagram, telefone e encontros virtuais e cerca de 17% dos entrevistados afirmou não fazer nenhum acompanhamento.

Quanto ao trabalho e remuneração do professor

Diante de todo o contexto pandêmico e das mudanças ocorridas no âmbito da educação, foi levantada a hipótese de que o trabalho do professor poderia ter mudado com relação ao tempo dedicado às atividades pedagógicas, desde o planejamento até a avaliação. Segundo os dados obtidos por meio do questionário aplicado, 31 professores participantes da pesquisa (cerca de 60%) afirmaram que trabalharam muito mais do que o habitual, com algumas observações que explicam as demandas extras: “*Eu tenho trabalho demais, pois preciso pesquisar muito mais, encontrar formas de alcançar o aluno e ainda percebo que é um trabalho*

desperdiçado, pois alcanço muito pouco meus alunos”, “A carga agigantou, trabalho das 6:30h as 21h, preparando aulas e atividades em plataformas”, “Muito mais. Tenho que responder muitas dúvidas dos pais, principalmente relativas às atividades (eles pedem acesso em meios específicos, ou querem que seja enviado especificamente em mensagem para eles: não veem as postagens na própria mídia que estão utilizando para se comunicarem comigo, e perguntas que não tem a ver com meu conteúdo como o auxílio emergencial e o auxílio merenda)”, “Muuuito mais. Além da produção das aulas, preciso fazer relatórios para enviar à orientação, preciso participar de reuniões, cobrar individualmente de cada aluno que não entrega e não assistir às atividades. Fora o gerenciamento da minha vida, casa e filhos”. Quase todas as respostas variam dentro destas colocações, o que mostra que o trabalho docente foi maior e mais intenso durante o distanciamento social ocasionado pela pandemia.

Cerca de 20% dos entrevistados afirmou que não teve aumento de trabalho, ainda assim, algumas colocações inferem um certo controle do professor para evitar a sobrecarga, o que pode ser visto nas seguintes respostas: *“Há momentos de trabalhos intensos, mas procurei manter a mesma dedicação que me seria demandada no período normal”, “Trabalhei menos horas, mas intensamente visto que tive que adequar todas as atividades e conteúdos” e “Um pouco menos mas o trabalho é mais difícil para se preparar o conteúdo. Exige mais pesquisa. Enquanto na escola é mais tempo em função das minhas atividades como coordenadora também”. Tal como afirmam Ferreira, Ferraz e Ferraz*

[...] em um processo de encadeamento, a implantação de atividades remotas no ensino, acarreta uma sobrecarga de trabalho, pois esses professores estão dedicando um tempo maior para a preparação das aulas não presenciais, utilizando-se de interfaces que não dominam para proporcionar aulas mais criativas, junto aos alunos. (FERREIRA; FERRAZ; FERRAZ, 2021, p. 330)

Com relação à remuneração, apenas uma professora teve mudança salarial e afirmou que *“Tive uma pequena modificação no sentido de passar a receber para um curso extra que faria. Ele seria pago num pacote, em 10 parcelas no ano. No entanto, me chamou atenção que trabalhamos cerca de três semanas (às sextas, à tarde) em planejamentos e divulgação, e não recebemos nada para isso, já que o restante não virá. Acho que deveriam ter falado a respeito. De qualquer forma, não houve ajuste (perda) salarial. A escola não pretende fazer isso, que eu saiba”. Todos os outros entrevistados afirmaram não haver nenhuma mudança (aumento ou redução) do salário em comparação ao período anterior à pandemia.*

Quanto às dificuldades e ganhos com a experiência docente no ensino remoto

A situação complexa e desafiadora imposta aos professores representou uma experiência docente inédita e na visão dos professores entrevistados, houve ganho em diversos aspectos, um deles foi a aproximação com o ambiente virtual como ferramenta pedagógica e o uso de novas tecnologias, como fica visível nas colocações dos professores: *“Aprender a lidar com novos recursos (aulas online, filmar aulas, etc.)”, “Exercício da criatividade na elaboração de atividades e uso de ferramentas tecnológicas (ainda em processo de aprendizado)”*, *“Aprender novas tecnologias e ter certeza que ainda sou capaz de aprender, reinventar, ter flexibilidade e estar aberta à inovação”*, *“Ver outras possibilidades de espaços formativos”*.

Outras respostas, como *“Valorizar o tempo que temos com as pessoas”*, *“Ver como somos intensamente flexíveis (nós e os alunos!!!) e sentir como tudo isso reforçou que o ENCONTRO no dia a dia da escola (e da vida!) é insubstituível! Perde-se muito dos sentidos, da alegria, da cor. A máquina e o mundo digital não irão facilmente nos substituir (é o que espero!)”*, mostraram que os ganhos também vieram em outros campos, como o da convivência e do reconhecimento de novas potencialidades e ainda, valorização e reconhecimento do trabalho docente, como foi colocado nesta fala *“Fui entrevistada pelo Porvir, pois os trabalhos de meus alunos chamaram a atenção da Lilian Bacich (ensino híbrido), ela compartilhou no Face, e a repórter do Porvir se interessou”*.

No entanto, muitos dos entrevistados trouxeram queixas e ainda, as dificuldades encontradas. Como vimos anteriormente, a própria falta de formação e inexperiência com tecnologias no cotidiano escolar dificultaram a transição do ensino presencial para o remoto e houve respostas nesse sentido: *“Aprendi que ainda somos leigos no que tange à tecnologia. Também precisamos letrar nossos alunos no campo da tecnologia e seus usos”*, *“Preciso de atualização em mídias”*, *“Pessoalmente, aprendi a valorizar meu trabalho presencial... profissionalmente estou adquirindo novas habilidades e conhecimentos... eu gosto da ideia de ensino híbrido... desde que eu saiba onde estou pisando”* e pudemos ver que por vezes, a experiência levou a desmotivação, como na fala do professor que afirmou *“Certeza de que quero pedir demissão”* ou de outros que disseram não haver nenhum ganho com nada do que estavam vivendo.

Além da própria experiência, dificuldades com acesso à equipamentos tecnológicos de qualidade, uso de recursos pessoais, desinteresse dos alunos, falta de estrutura tecnológica dos

alunos, desconhecimento de uso de ferramentas digitais por parte dos alunos, urgência na adaptação do trabalho, gerenciamento de tempo, dificuldades de avaliação do trabalho, falta de acesso à internet de alunos e professores foram relatados como problemáticos e dificultadores do processo.

Conclusões

Esta pesquisa foi realizada no ano de 2020, ainda durante o distanciamento social e muito já se produziu sobre o período, no entanto, há relevância dos dados levantados na consideração mais ampla da participação docente na tomada de decisões no trânsito entre ensino presencial e remoto. Como pode ser visto, a preocupação maior dos gestores de unidades escolares e dos órgãos públicos de educação dos municípios e do estado de São Paulo foi garantir o atendimento aos alunos, independente das condições sociais e econômicas em que se encontrava a população. O que certamente, leva à um questionamento sobre a função social da escola em tal contexto.

Muito do que foi afirmado pelos professores entrevistados aponta para uma preocupação com relação a manutenção dos processos de ensino e aprendizagem, do trabalho docente, do funcionamento da escola; sem a consideração da condição de permanência do aluno no processo; ou ainda, da consideração do aluno e do professor como pessoas também sujeitas e vítimas da pandemia.

Como pôde ser visto, os professores foram pouco considerados nas tomadas de decisões sobre os melhores caminhos a se percorrer na continuidade das atividades escolares e não houve formação docente de inclusão e acesso à tecnologia de acordo com a demanda observada. Pode-se ainda inferir, que a formação docente continuada oferecida aos professores nos anos anteriores à 2020, não considerava ou não teve eficácia quanto a inclusão tecnológica na prática docente. Chama a atenção o fato de que a realidade vivida pelos professores foi muito parecida, independente do tipo de escola (pública ou privada), da disciplina lecionada e do perfil socioeconômico do público atendido.

Sobre a formação continuada docente, foi possível observar também, que professores com experiência discente em cursos de formato EAD puderam compreender melhor o processo de transição e se adaptar com mais facilidade a nova realidade imposta, o que pressupõem maiores investimentos nesse tipo de formação e ainda, a consideração de diversas formas, recursos e plataformas de experimentação da prática educativa.

Quanto ao trabalho em si, não houve a devida valorização com relação à benefícios salariais e nem mesmo, reconhecimento do aumento de demanda e aumento de tempo de dedicação do professor ao processo. Professores passaram a oferecer subsídios pessoais para continuidade das atividades pedagógicas e não foram, em nenhum momento, ressarcidos pelos gastos ou perdas ocasionadas pelo ensino remoto.

Apesar, de como visto, a transição entre ensino remoto e presencial ter sido um processo duro e árduo, houve ganhos; tais como a própria valorização do espaço escolar como lugar de trocas e convivência, a aprendizagem de novas formas de ensinagem, o acesso e uso de novas tecnologias por parte de professores e alunos e a necessidade de se repensar o processo educativo. Cabe agora, buscar entender como essa experiência afetou a prática docente na volta ao ensino presencial.

Referências

- ARROYO, Miguel. **Currículo: território em disputa**. Petrópolis: Vozes. 2011
- CRUZ, Lilian Moreira; COELHO, Lívia Andrade, FERREIRA, Lucia Graça. Docência em Tempos de Pandemia: saberes e ensino remoto. **Debates em Educação**, vol. 13, n. 31, jan./abr. Maceió/AL 2021.
- FERREIRA, Lucia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte E FERRAZ, Rita de Cassia Souza Nascimento. Trabalho docente na pandemia: discursos ee professores sobre o ofício. **Fólio – Revista de Letras Vitória da Conquista** v. 13, n. 1 jan./jun. 2021
- FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz). **PLANO DE CONTINGÊNCIA DA FIOCRUZ DIANTE DA PANDEMIA DA DOENÇA PELO SARS-cov-2 (COVID-19)**. 2020. Disponível em: Plano de Contingência da Fiocruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/plano-de-contingencia-da-fiocruz-para-pandemia-de-covid-19-versao-13>. Consultado em 12/01/2023
- FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria Rita. **Análise da Gravidade da Pandemia de Covid-19**. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília , v. 29, n. 2, e2020119, 2020 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200900&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Apr. 2020. Epub Apr 06, 2020. <https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000200008>.
- MARXS, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Editora Expressão Popular. São Paulo/SP. 2008
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde regulamenta condições de isolamento e quarentena. Publicado: Sexta, 13 de Março de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/marco/saude-regulamenta-condicoes-de-isolamento-e-quarentena> Consultado em 12/
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Editora Vozes. Petrópolis/RJ. 2002

SOBRE A AUTORA

Carla Wanessa do Amaral Caffagni é Doutora em Educação pela FEUSP. Professora contratada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no Departamento de Metodologia de

Ensino e Educação Comparada. Contribuição de autoria: coleta e análise dos dados, escrita do artigo. <https://lattes.cnpq.br/056776099679777>

Como citar este artigo

CAFFAGNI, Carla Wanessa. Quem decidiu como seria? A participação do professor na transição do ensino presencial para o remoto nas escolas de educação básica do estado de São Paulo. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e11919, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.11919>